

FÁBULA: NARRATIVA E RESISTÊNCIA

Juliano Desiderato ANTONIO*

AS FÁBULAS

A palavra fábula vem do verbo latino “fabla”, que significa falar, fabular ou narrar histórias. É uma narrativa pequena, que ao historiar acontecimentos fictícios tem a dupla função de instruir e divertir (Jesualdo, 1985, p. 143; Góes, 1984, p. 144).

Numa fábula, geralmente os actantes são animais, enquanto que nas parábolas intervêm homens e nos apólogos, seres inanimados (Góes, 1984, p. 144).

Rousseau, o grande filósofo francês, critica as fábulas por muitas vezes trazerem mentiras e informações erradas a respeito dos animais, como na fábula *A Cigarra e a Formiga*, em que se diz que a cigarra é um inseto preguiçoso, que não trabalha como a formiga. No entanto, o naturalista Fabre descobre que no verão a cigarra fura as cascas das árvores para sugar o líquido que delas escorre e que as formigas é que aproveitam do sulco aberto pela cigarra, expulsando-as dali (Jesualdo, 1985, p. 150).

* Aluno do Programa de Pós-Graduação.

A RESISTÊNCIA

As fábulas originaram-se de tempos muito antigos, como conseqüência da necessidade do homem de expressar seus pensamentos por meio de imagens e símbolos (Góes, 1984, p. 144).

Então, para que se possa entender a simbologia utilizada nas fábulas, bem como sua organização narrativa, “é preciso descrever o espetáculo, determinar seus participantes e o papel que representam na historiiazinha simulada” (Barros, 1990, p. 16). Para isso, será aplicada à análise da fábula *O Macaco e o Gato*, de Monteiro Lobato, alguns conceitos da teoria semiótica desenvolvida por A. J. Greimas e pelo Grupo de Investigações Sêmico-Linguísticas da Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais, que “tem por objeto o texto, ou melhor, procura descrever e explicar **o que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz**” (Barros, 1990, p. 7).

Segundo esse modelo, para se chegar à interpretação de um texto, deve-se percorrer um percurso, o percurso gerativo de sentido, que é uma sucessão de níveis, cada um com uma descrição específica, indo do mais concreto ao mais abstrato. Os níveis do percurso gerativo são três: o fundamental (ou profundo), o narrativo e o discursivo (Fiorin, 1990, p. 17).

***O MACACO E O GATO* (LOBATO, 1973, P. 54)**

Simão, o macaco, e Bichano, o gato, moram juntos na mesma casa. E pintam o sete. Um furta coisas, remexe gavetas, esconde tesourinhas, atormenta o papagaio; outro, arranha os tapetes, esfiapa as almofadas e bebe o leite das crianças.

Mas, apesar de amigos e sócios, o macaco sabe agir com tal maromba que é quem sai ganhando sempre.

Foi assim no caso das castanhas.

A cozinheira pusera a assar nas brasas umas castanhas e fôra à horta colher temperos. Vendo a cozinha vazia, os dois malandros se aproximaram. Disse o macaco:

- Amigo Bichano, você, que tem uma pata jeitosa, tire as castanhas do fogo.

- O gato não se fez insistir e com muita arte começou a tirar as castanhas.

- Pronto, uma...

- Agora, aquela de lá... Agora aquela gorducha... Isso. E mais a da esquerda, que estalou...

O gato as tirava, mas quem as comia, gulosamente, piscando o olho, era o macaco...

De repente, eis que surge a cozinheira, furiosa, de vara na mão.

- Espera aí, diabada!...

Os dois gatunos sumiram-se aos pinotes.

- Boa peça, hein? - disse o macaco lá longe.

O gato suspirou:

- Para você, que comeu as castanhas. Para mim foi péssima, pois arrisquei o pêlo e fiquei em jejum, sem saber que gosto tem uma castanha assada...

O bom bocado não é para quem o faz, é para quem o come.

No nível profundo (o mais abstrato) encontra-se a oposição entre /esperteza/ e /ingenuidade/, as categorias semânticas que estão na base da construção do texto. A /esperteza/ é qualificada semanticamente como sendo eufórica, isto é, há elementos no texto que a valorizam positivamente, como as afirmações de que o macaco é quem sempre sai ganhando devido à sua esperteza (Fiorin, 1990, p. 18).

Num nível menos abstrato que o profundo, o narrativo, encontram-se dois tipos de enunciados elementares, os de estado e os de fazer. Os enunciados de estado estabelecem uma relação de junção entre um sujeito e um objeto e os

enunciados de fazer mostram as transformações de um enunciado de estado a outro (Fiorin, 1990, p. 21).

Na fábula *O Gato e o Macaco*, observa-se um sujeito em disjunção com o objeto que deseja e que para entrar em conjunção com esse objeto, manipula um outro sujeito. É no nível discursivo, que essas formas abstratas são concretizadas. Tem-se um macaco que deseja as castanhas que estão no fogo e que convence o gato a tirá-las do fogo para que ele possa comê-las sem queimar as mãos (Fiorin, 1990, p. 29).

Para o estudo do nível narrativo de um texto também são levados em conta os seguintes estágios: programa narrativo, percurso narrativo e esquema narrativo (Fiorin & Savioli, 1990, p. 55; Barros, 1990, p. 20;26-36). O esquema narrativo de qualquer texto pressupõe um programa e um percurso narrativos.

Na fábula de Monteiro Lobato, o gato foi manipulado por sedução pelo macaco, quando este apresentou uma imagem positiva de sua competência, "... você, que tem uma pata jeitosa...".

A manipulação ocorre quando um personagem induz outro a fazer alguma coisa. O que vai fazer precisa querer ou dever. Há quatro tipos de manipulação: a provocação, a sedução, a tentação e a intimidação (Barros, 1990, p. 29; Fiorin & Savioli, 1990, p. 57).

Ao ser manipulado pelo macaco, o gato também cumpriu o programa de competência, que consiste no sujeito do fazer adquirir um saber e um poder. Nesta fábula, o macaco mostrou ao gato que este tinha uma pata jeitosa, isto é, que tinha competência.

Bichano, convencido desta capacidade para realizar a retirada das castanhas, coloca a mão no fogo e começa a puxar e entregar as guloseimas a Simão. Esta fase em que o sujeito do fazer executa sua ação é o programa narrativo de performance.

No final, o felino reconhece que foi trapaceado pelo companheiro e conclui que foi uma péssima peça, pois arriscou o pêlo e ficou em jejum. Este castigo recebido pelo gato é o programa narrativo de sanção.

O gato da fábula cumpre o percurso de sujeito, que pressupõe o encadeamento de um programa de competência com um programa de performance, isto é, um sujeito adquire a competência necessária para realizar

um ato e então o realiza (Barros, 1990, p. 26-27). O felino acreditou na imagem positiva de sua competência apresentada pelo símio e fez o que este desejava que ele fizesse.

O percurso do destinador-manipulador é cumprido pelo bugio. Este percurso pressupõe duas etapas hierarquizadas, a atribuição de competência semântica (o destinador-manipulador leva o sujeito-destinatário a crer em seus valores para que se deixe manipular) e a doação de competência modal (o destinador-manipulador atribui ao sujeito-destinatário os valores modais do querer-fazer, dever-fazer, saber-fazer e poder-fazer) (Barros, 1990, p. 28). Simão levou o felino a crer que tinha capacidade para realizar a maldade quando atribuiu um valor positivo à sua competência.

O gato cumpriu o contrato assumido com o macaco, mas por ter sido enganado, sua consciência executou o percurso de destinador-julgador, sancionando-o negativamente, “para mim foi péssima (a peça)” (Barros, 1990, p. 33).

O esquema narrativo é a organização dos três percursos narrativos (do sujeito, do destinador-manipulador e do destinador-julgador), que por sua vez pressupõe os programas narrativos (Barros, 1990, p. 36).

Há duas definições diferentes a respeito de narrativa: sucessão de estados e transformações e sucessão de estabelecimentos e rupturas de contratos. “O esquema narrativo engloba os dois pontos de vista e simula a história do homem” (Barros, 1990, p. 38).

Através da análise do esquema narrativo da fábula de Monteiro Lobato, foi possível examinar a estrutura semiótica da mesma, chegando-se à conclusão de que a afirmação encontrada no início da narrativa, “... o macaco sabe agir com tal maromba que é quem sai ganhando sempre”, está correta. Levando o gato a crer que tinha competência para tirar do fogo as castanhas, o macaco, sem arriscar-se nem esforçar-se, foi quem saboreou as guloseimas.

Dessa forma, a análise da estrutura semiótica pôde demonstrar a sutileza e esperteza do destinador-manipulador, bem como auxiliar na compreensão da fábula, como dizem Fiorin & Savioli (1990, p. 58) “organizar a estrutura narrativa ajuda a entendê-la melhor”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARROS, Diana L. P. *Teoria semiótica do texto*. São Paulo: Ática, 1990.
- FIORIN, José Luiz. *Elementos de análise do discurso*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 1990.
- FIORIN, José Luiz, SAVIOLI, Francisco P. *Para entender o texto: Leitura e Redação*. São Paulo: Ática, 1990.
- GÓES, Lúcia P. *Introdução à literatura infantil e juvenil*. São Paulo: Pioneira, 1984.
- JESUALDO. *A Literatura Infantil*. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1985.
- LOBATO, Monteiro. *Fábulas*. 26. ed. São Paulo: Brasiliense, 1973.